

**Artigos**

José Comblin: um intelectual orgânico em tempo de neoliberalismo

José Comblin: an organic intellectual in the time of neoliberalism

Jorge Roberto de Araújo Aguiar¹

Resumo

Este trabalho centra-se nos desafios de José Comblin como um intelectual orgânico em tempo de neoliberalismo. O intelectual que emerge de seus escritos é orgânico por querer superar a relação de poder-dominância e por está sintonizado com a cultura e os projetos hegemônicos dos subalternos. Portanto, considera-se contra hegemônica a atuação social de José Comblin e sua teologia que ousa transformar as relações desiguais de poder em relações partilhadas. O trabalho, recorre à análise de alguns de seus textos, contrapondo o conhecimento que é produzido pelas instituições liberais dominantes ao conhecimento que ele produz nos seus processos de luta. Basicamente será desenvolvido em dois momentos. O primeiro faz-se uma aproximação entre o conceito de intelectual orgânico em Gramsci, e a sua reconfiguração pelo neoliberalismo. O segundo aborda-se a produção simbólica de José Comblin comprometida com a luta histórica para a libertação dos pobres.

Palavras-chave: José Comblin. Teologia e práxis; Intelectualidade. Esperança dos pobres.

Abstract

This work focuses on the challenges of José Comblin as an organic intellectual in time of neoliberalism. The intellectual who emerges from his writings is organic for wanting to overcome the power relationship-domination and is tuned with the culture and the hegemonic designs of underlings. Therefore, it is considered the performance of José Comblin and his theology as against hegemonic social that dares to transform unequal relations of power in shared relations. The work refers to the analysis of some of his texts, opposed the knowledge that is produced by the dominant liberal institutions in the knowledge that it produces in its processes of struggle. Basically will be developed in two phases. The first is an approximation between the concept of organic intellectual in Gramsci and its reconfiguration by neoliberalism. The second deals with the symbolic production of José Comblin committed to the historical struggle for the liberation of the poor.

Keywords: José Comblin; Theology and praxis; intelligentsia; hope of the poor.

¹ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (2011). Especialista em Filosofia e Existência (2006), História do Brasil (1990) e Administração Escolar (1998). Possui graduação em História pela Universidade Federal de Pernambuco (1977). Atualmente é professor do Liceu Alagoano e do Colégio Marista de Maceió. Tem experiência na área de História e Filosofia, com ênfase em História Latino-Americana, Filosofia da História, Ética da Alteridade e da Libertação. E-mail: aquiardavarzea@hotmail.com



1 Introdução

Refletindo sobre a crise atual do intelectual popular, entende-se que esta crise aconteceu devido à dissolução dos sujeitos coletivos. Giovanni Semeraro (2006, p. 141), em seu livro “Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis”, nos fala que ao longo dos últimos anos, uma crescente categoria de intelectuais se disseminou na mídia, na publicidade, em serviços administrativos e no controle do sistema. Em sua visão, estamos na era da imagem, na época do capital cultural. As novas tecnologias dominadas pelos gigantes conglomerados internacionais tomam conta de todas as esferas da vida humana atraindo muitos intelectuais a seu serviço. Percebe-se que neste novo contexto, ele é compelido a tornar-se especialista, das virtualidades eletrônicas. Por esta razão Semeraro (2006, p. 142) chega a falar no fim do intelectual político-pedagógico vinculado à escrita, à escola, ao partido. Para ele, o intelectual clássico, cultor da razão, da pedagogia político popular é suplantado pelos recursos tecnológicos. A busca da verdade, da justiça, do universal e a visão inspirada na história, na dialética, tornaram-se produtos autoritários. Tal temática nos levou a refletir sobre a configuração do pensamento de José Comblin no contexto da cultura do capitalismo globalizado.

O fundamental para orientar a discussão é saber o que está em questão. Neste sentido, procuramos problematizar o tema da seguinte forma: até que ponto o modo de pensar de José Comblin está ativamente presente nas novas situações? Que tipo de aspirações e projetos alternativos seus escritos carregam? Trata-se de analisar, antes de tudo, até que ponto Comblin em sua produção se constitui um novo intelectual orgânico capaz de se contrapor à burguesia instalada nos centros do poder, e promover a irrupção dos pobres que carregam aspirações próprias e lutam por outro projeto de sociedade.

Assim, ao lermos o texto de Comblin, identificamos os espaços onde se incorporam valores, ideologias, e práticas sociais que permitem sustentar e avaliar a lógica dos excluídos. Neste sentido trabalharemos, o modo como Ele faz teologia, destacando a primazia dada à práxis.

A teologia atual como comenta Albert Moliner (2011) vai tomando consciência da vinculação do significado das proposições com a práxis na qual surgem. Por consequência, ao enfrentar a realidade a partir do horizonte da práxis, a teologia se entende a si mesmo não como uma teologia da revelação, mas, como uma teologia da salvação nas

condições concretas, históricas e políticas de hoje.

Albert Moliner (2011, p. 39) entende por práxis a totalidade do processo social enquanto transformador da realidade tanto natural como histórica. O termo práxis é frequente nas teologias relacionadas com a ação transformadora da sociedade. A teologia da Libertação se entende a si mesma como reflexão crítica sobre a práxis histórica à luz da palavra, sendo os oprimidos sujeito da práxis histórica, e seu objeto a libertação.

Para Comblin (2012, p. 457), no agir de Jesus, os outros ocupam o lugar principal. Defende as pessoas homens e mulheres, que são vítimas e condenadas como pecadoras. Como se vê em seus escritos, Jesus não ensinou uma doutrina, mas uma maneira de agir no meio dos outros. Agir segundo Comblin,

é amar o que não está sendo amado. Assim, a cruz torna-se o sinal da ação de Jesus, de sua luta e de seu amor pelos humilhados. Portanto, em seu entendimento, a salvação está no agir com compaixão. É evidente, portanto, que José Comblin, como intelectual não poderia se limitar ao mundo das ideias. Lança suas críticas ao idealismo abstrato. Pretende entender o funcionamento da sociedade, descobrir os mecanismos de dominação encoberto pela ideologia dominante. Por isso, não poderia se esconder atrás de uma neutralidade, e ficar alheio às contradições do seu tempo. A sua produção está comprometida com os pobres e torna-se capaz de refletir sobre o entrelaçamento da produção material com as controvertidas práticas da reprodução simbólica.

2 O intelectual orgânico em Antonio Gramsci

Por que Antonio Gramsci? O pensamento de Gramsci auxilia nas lutas hegemônicas dos grupos subalternos e nos ajuda a fazer a crítica das modernas ideologias das classes dominantes. Giovanni Semeraro (2006, p. 12) observa que Gramsci não só esboça uma nova teoria do conhecimento, como também, resgata a dialética no marxismo, além de interpretar a função política dos intelectuais. O conceito de intelectual em Gramsci nos leva a

compreender que as formas tradicionais de luta não conseguem mais dar conta das mudanças em curso. Consideramos que o processo contraditório da globalização, a reestruturação do trabalho, os novos personagens em fermentação na periferia, as lutas precisam enfrentar e superar o neoliberalismo.

Neste primeiro momento trataremos do conceito de Intelectual orgânico, que será utilizado como

pressuposto para compreender a reconfiguração desse intelectual em José Comblin num contexto de neoliberalismo.

Sobre a formação dos intelectuais, Gramsci (1989, p. 3) questiona a maneira como eles se constituem como grupo social autônomo e independente. Para ele, não existe uma classe independente de intelectuais, são vinculados às diferentes classes. Esse vínculo é orgânico, quando o intelectual se origina da classe que representa. No entanto, em se tratando das classes subalternas elas são obrigadas a importar seus intelectuais, isso explica segundo Gramsci, a vulnerabilidade dessas classes. É importante para facilitar a compreensão de nosso objetivo, situar José Comblin como um intelectual colaborador de um novo projeto de luta política

emancipatória. Para se construir uma nova hegemonia é necessário que se tenham colaboradores na constituição de um novo bloco histórico. Estes elaboradores são os intelectuais, fazendo a soldagem das bases de um novo projeto de um novo regime econômico e social. Hugues Portelli (1977, p. 86) em seu livro, Gramsci e o bloco histórico, comenta que, um intelectual sem vínculo orgânico tem importância tão desprezível quanto as ideologias que produz. É notório na produção de José Comblin, que ele se colocou no lugar das vítimas, optou pela ótica dos rejeitados e excluídos, e se revestiu de suas energias para fazer parte do movimento real que superasse o estado das coisas existente. Ele estava convencido que o povo possuía inteligência, um ponto de vista proveniente das suas necessidades elementares.

3 A reconfiguração do intelectual pelo neoliberalismo

A partir dos anos 70, o capitalismo na sua nova fase desencadeou uma transformação nos processos produtivos, como também nas práticas políticas e na função dos intelectuais. Tanto a realidade econômica, social, política, como a cultural começa a sofrer profundas alterações, forjando novos elementos que dariam outros contornos a um novo mundo. Segundo as palavras de Semeraro

O mundo do trabalho, remodelado pela informática e a microeletrônica, passou a incorporar novos conhecimentos gerando uma complexa analítica simbólica que exige um preparo intelectual mais apurado dos seus operadores. Com a revolução digital e a redução dos grandes conjuntos industriais as categorias dos trabalhadores e as organizações de massa vieram se encolhendo. A velocidade e a diversificação na produção fragmentaram ainda mais os operários e conseguiram camuflar melhor as feições da dominação, desconcertando a compreensão da realidade e as

formas tradicionais de lutas políticas (SEMERARO, 2006, p. 40).

Pelo o que se observa nessa passagem, permanece como decisivo o desvendamento das transformações que atravessam as sociedades contemporâneas. Segundo Ivete Simionatto (2003, p. 275) é notável que nas últimas décadas do século XX houve uma alteração na geografia mundial: a criação do mercado globalizado, e nos mecanismos de controle social e político. É evidente que estas alterações processadas no âmbito da estrutura social refletiram-se na superestrutura: o fim da história e das ideologias, o desaparecimento dos grandes sujeitos sociais e a exacerbação do individualismo, do fundamentalismo e dos nacionalismos, como também, do desencantamento utópico. Estas são as marcas, segundo Ivete, dos dias atuais.

Na interpretação de Simionatto (2003, p. 276) para que a reestruturação do capital fosse possível era necessária a imposição e a socialização de novos valores e novas regras de comportamentos. Neste sentido, podemos compreender que para atender tanto a nova esfera de produção quanto a da reprodução social foi necessário que as condições objetivas e subjetivas redefiniram as correlações de forças. Tais correlações se referem, não só, às novas formas de organização de trabalho, mas também a novos pactos e consensos entre capital e trabalho. Em

outros termos, podemos dizer, seguindo o pensamento de Gramsci, que a reciprocidade entre a estrutura e o superestrutural, o vínculo concreto entre as forças materiais e as ideológicas, entre o econômico-social e o ético-político são específicos, em cada momento histórico. Entendemos assim que a hegemonia, opera não apenas sobre a estrutura econômica e sobre a organização política, como também, sobre o modo de pensar. Neste sentido, para entender José Comblin como um intelectual orgânico na sociedade neoliberal, implica identificar em sua produção um caminho capaz de despertar os excluídos no desafio das forças dominantes em busca de mudanças. É nesse terreno que pretendemos analisá-lo, pois, é nele que se manifesta sua teologia.

Entendemos na crítica de Comblin, que a nova cultura produzida com o processo de globalização, implementou as reformas neoliberais, desqualificadoras das possibilidades de construção do projeto socialista. Ele toma consciência de que no contexto da vida pública ocorre a integração recíproca entre Estado, sociedade e mercado. Deixa claro que as novas redes de comunicação ampliam, cada vez mais, o poder dos grupos manipuladores de informações, contribuindo para o surgimento de valores totalitários. Vejamos o que ele diz em seu livro "A profecia na Igreja":

Estão surgindo megaempresas sempre mais poderosas. Fundem-se para aumentar o poder. Envolvem muitas nações, o que lhe permite escapar aos controles dos Estados. Por sinal, cada vez mais os Estados são colocados a serviço das grandes empresas. Os governos figuram, mas quem mandam são as empresas. Fazem-no discretamente para não despertar a atenção dos povos. Conseguem colocar a seu serviço os meios de comunicação, que praticam uma propaganda permanente, criando a impressão de que se trata de um poder absoluto que resiste a qualquer investida. Proclamam que são capazes de estabelecer a felicidade do mundo inteiro. De qualquer maneira, afirmam que não há alternativa – a não ser a delas. (COMBLIN, 2008, p. 257).

Como se observa nessas considerações a globalização simboliza

tudo que acontece no presente. Quem poderá lutar contra essas megaempresas? Seus interesses são os mesmos, o seu fim é o lucro. Quantos grandes empresários serão convertidos? Pergunta Comblin (2008, p. 265). Hoje, a América Latina está envolvida na globalização, o resultado é o aumento da pobreza, do desemprego, das periferias urbanas, onde se acumulam multidões que procuram sobreviver. Neste sentido fica claro para nós que a produção simbólica de Comblin pretende romper com essas formas de hegemonia na sociedade civil, que servem à manipulação e ao controle social.

4 Contraponto de José Comblin ao neoliberalismo

Situada a reconfiguração do intelectual no âmbito do neoliberalismo, pretendemos verificar agora, mediante a análise do texto de José Comblin: “O Caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus”, a contradição entre o discurso de José Comblin e a cultura do capitalismo globalizado, ou seja, Comblin assumirá uma nova forma de fazer teologia (a mediação da contemplação e da prática), o que o levará a se contrapor com os intelectuais funcionais que se colocam a disposição da dominação. Giovanni Semeraro (2008, p. 145), refletindo sobre os intelectuais, contrapõe os pragmáticos que se colocam a disposição de uma sociedade gerenciada para

poucos e os que se envolvem com as organizações populares para construir uma democracia “orgânica”. Neste sentido, Comblin em sua produção, tem o cuidado de fazer com que a criação do conhecimento não emane dos centros monopolizadores, mas surja construída democraticamente por todos.

Assim, propomos analisar o pensamento de Comblin utilizando suas próprias palavras. Minha interpretação se limita à seleção e breves comentários. Comento sumariamente alguns itens, os que julgamos mais indicados para fundamentar o nosso objetivo. Início com o item dois do primeiro capítulo.

5 A esperança dos vencidos

Neste item, Comblin desenvolve o tema “A esperança dos vencidos”, problematizando-o da seguinte maneira: estamos na América Latina, qual a mensagem de esperança que encontramos neste continente? Segundo Comblin (2004, p. 23), o que há de mais característico neste continente é que os homens assimilaram a condição de vencidos. No entanto, em seu texto, a mensagem cristã é de esperança. Em sua visão, Jesus veio para os camponeses oprimidos da Galileia, como sinal de esperança.

É possível afirmar que em Comblin nada se resolve em abstrações, mas em vinculação a um ativo agir. Operar de forma tal que o real possa tornar-se inteligível aos pobres e que estes possam descobrir, por conta própria, as contradições entre as

condições em que vivem e os discursos encobridores do poder. É dentro deste contexto, na profunda ligação com seus problemas reais, segundo Comblin, que o excluído pode construir sua própria subjetividade e adquirir outra inteligibilidade do real e se utilizar de um espírito crítico que crie as condições para projetos alternativos de sociedade.

Comblin, como intelectual orgânico dos sobrantes, não poderia se limitar ao mundo das ideias e das palavras. Como se observa nessas considerações, a compreensão do mundo dos excluídos se torna tanto maior quanto mais próximo se está das suas revoltas. Mais do que ideias fazia-se necessário para Comblin, descobrir os mecanismos de dominação, e não continuar alheio às contradições do seu tempo.

6 Esperança e desejo

Neste item “Esperança e desejo” afirma Comblin (2004, p. 32) o que valoriza a existência humana não é a satisfação dos desejos, mas a dignidade. Dignidade, para ele, quer dizer ser reconhecido pelos outros. Sentem-se dignas as pessoas que sabem e podem fazer.

Ao tratar do caminho da esperança, Comblin, mantém com a

realidade uma vinculação. Ele demonstra de forma clara que os pobres que entram na caminhada do Reino de Deus não estão no vazio, mas dentro de determinados processos histórico-econômicos, de modo que, a compreensão do mundo humano se torna tanto maior quanto mais próximo se está das revoltas dos injustiçados. Na percepção de Comblin a dinâmica dos

desejos é substituída pela dinâmica da esperança. A esperança aspira a isto: um novo mundo, uma nova forma de convivência humana em que todos possam ser reconhecidos como seres humanos e iguais. A partir daí é necessário encontrar o caminho para

fazer avançar a história em direção a liberdade. Neste sentido, só o processo revolucionário romperia o círculo, inauguraria uma nova epistemologia, criaria um novo indivíduo e traçaria as estratégias políticas para emancipação dos subjugados.

7 Esperança e medo

Neste item nosso ponto de partida será refletir sobre a relação que José Comblin estabelece entre medo e esperança. A organicidade do pensamento de Comblin está relacionada principalmente na sua profunda vinculação com a cultura, a história e a política da classe subalterna. Aqui sua atividade como intelectual orgânico é pedagógica, pois, visa difundir uma outra forma de conhecer entre os subalternos capaz de engendrar formas de agir

geradora de uma nova ordem social. Sobre os primeiros séculos da história cristã Comblin (2004, p. 39) comenta que foi dentro do Império romano que os cristãos construíram sua esperança. Os modelos de esperança foram os mártires. Foi aí que anunciaram a caminhada do Reino de Deus a um povo de vencidos, escravos, estrangeiros, migrantes, refugiados das guerras, que formavam a maioria dos habitantes do Império.

8 Além da revolta e da utopia

O intelectual que emerge dos escritos de Comblin é orgânico, voltado para impulsionar a sociedade inteira; determinado a superar a relação de poder-dominação e popular, sintonizado com a cultura dos subalternos. Observamos neste item que em Comblin (2004, p. 49) a esperança se verifica no agir, é participação na caminhada do povo de Deus. A esperança é abertura para a novidade. Quem não está agindo,

não tem esperança, mas quem está aguardando, atento aos apelos novos pelos quais Deus se manifesta, tem esperança. A grande objeção que ele faz à utopia é o distanciamento do pensamento com a realidade, segundo ele, elaboram-se discursos, mas, sem contato com o real.

Comblin deixa claro que a esperança cristã é histórica, não é a pura revolta nem a utopia que deve conduzir

a salvação da humanidade. Entende que a esperança não é sonho, idealização. Ele busca a construção de uma

sociedade nova por meio da transformação do ser humano.

9 A esperança e a realidade histórica

No nosso modo de entender Comblin, a história aparece como o lugar teofânico. Ele deixa transparecer neste item, a plena vigência da realidade do histórico, que o conhecimento humano implica um caráter prático. Comblin (2004, p. 54), concebe o ser humano como um ser situado num momento da história em movimento.

Para ele a história nos dá não só a forma mais alta da realidade, mas o campo aberto das possibilidades do real. Aqui a práxis se torna uma categoria fundamental. Ele não está preocupado com a realidade última das coisas, nem da coerência do pensamento com o real, mas deseja levar até o fim o projeto

libertador de Deus. Em Comblin (2004, p. 56) a história é vivida subjetivamente pelo povo como história de uma esperança. O povo sofre o impacto do mundo em que vive, mas mantém a esperança. Neste sentido, Comblin demonstra sua liberdade crítica, sua consciência histórica e a sua organicidade aos pobres. Assim, ele como intelectual orgânico não se tornou obsoleto, mas se encontra diante de novas tarefas nos tempos de neoliberalismo. De lidar com a diversidade sem cair no relativismo, de lutar contra os dogmas sem deixar de buscar a verdade, de construir a unidade sem transformá-la em uniformidade.

10 Considerações finais

Tendo-se claro que a conquista da hegemonia implica na formação de uma concepção de mundo coerente e que é neste campo que atua o intelectual, podemos destacar a relevância de José Comblin como intelectual orgânico dos dominados. Consideramos ser contra hegemonia a sua produção simbólica, pois se traduz em lutas que objetivam transformar as relações desiguais de

poder em relações partilhadas. Portanto, na sua produção, Comblin vai tomando consciência da vinculação do significado de suas proposições com a práxis. Neste sentido, constatamos que em seu texto a primazia da práxis se transforma em chave hermenêutica. Ao enfrentar a realidade a partir do horizonte das práxis, Comblin se entende a si mesmo não como um teólogo da revelação, mas

como um teólogo da salvação nas condições concretas, históricas e políticas de hoje. Nessa perspectiva, para Ele a realidade se apresenta como uma realidade dinâmica. No seu modo de fazer teologia, as palavras não são o primeiro acesso a Deus, mas só quando referidas ao acontecimento histórico-salvífico. Em definitivo, Comblin se torna

um intelectual orgânico a partir do momento do seu fazer teológico, que é tomar a práxis histórica como um ponto de partida para seu teologizar. Esta práxis constitui seu compromisso com a luta histórica para a libertação dos pobres e oprimidos em tempos de neoliberalismo.

Referências

COMBLIN, José. **O caminho:** Ensaio sobre o seguimento de Jesus. São Paulo: Paulus, 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Trad. Carlos Nelson Coutinho. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

COUTINHO, Carlos Nelson; TEIXEIRA, Andréia de Paula (Org.). **Ler Gramsci.** Entender a realidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

MOLINER, Albert. **Pluralismo religioso e sofrimento eco-humano.** A contribuição de Paul F. Knitter para o diálogo inter-religioso. Trad. Pedro Lima Vasconcelos. São Paulo: Paulinas, 2011.

PORTELLI, Hugues. **Gramsci e o bloco histórico.** Trad. Angelina Peralva. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1977.

SELLA, Adriano. **Globalização neoliberal e exclusão social.** São Paulo: Paulus, 2002.

SEMERARO, Geovani. **Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis.** São Paulo: Idéias e Letras, 2006.

Recebido em: 10/10/2014.

Aceito em: 02/02/2015.